

Notícias de Guimarães

ANO 21.º N.º 1078
 GUIMARÃES, 14 de Setembro de 1952
 Redacção e Núm., R. da Rainha, 56-B Tel., 4319
 Comp. e Imp., Tip. Ideal. Tel., 4381
 VISADO PELA CENSURA
 — AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

CENTENÁRIO DA CIDADE

1953.
 Data cronológica do nosso foral de Cidade.
 Quem diz «Cidade», diz — categoria.
 A Vila, no conceito administrativo das terras e suas populações, vale menos que Cidade.
 Ora, sendo assim, ser *vilão* ou *cidadão*, não é tudo a mesma coisa.
 Nossa responsabilidade é maior.
 Não creio que o vulgo se aperceba desta distinção.
 Tampouco os maiores costumam dar por isso.
 Razão por que há vilas que bem mereciam ser cidades e cidades que não mereciam passar de vilas.
 Quem, outrora, dava a directriz de progresso às terras, era um organismo chamado — os 40 maiores contribuintes.
 Como não havia, nem há, boa administração no ponto de vista de melhoramentos, sem boas receitas, importava e importa melhorar estas, para que entre no erário municipal um quinhão apreciável das mesmas receitas.
 Ora, como toda a derrama tributária nos concelhos carecia do veto aprovativo dos tais 40 maiores contribuintes, estes, regra geral, eram contrários ao agravamento de contribuições, pela incidência que este agravamento tinha sobre eles.
 Neste ponto bocado encontraremos, talvez, a explicação porque a *mui antiga e nobre e leal e real Vila de Guimarães* só em 1852 foi elevada à «nobiliarquia» de Cidade, quando outras Vilas de menos vulto haviam alcançado esse foral muito antes de Guimarães.
 E' que, a classificação de Cidade, faz sujeitar a derrama a uma taxa mais elevada. A classificação dos concelhos entra em linha de conta na Repartição das Finanças.
 A cidadania é luxo que se paga!
 Razão por que os nossos 40 maiores contribuintes se contentavam com os adjectivos de *mui antiga e nobre e leal e real Vila de Guimarães*!
 Festejar, portanto, em 1953, o centenário da Cidade, é simultaneamente pôr em evidência o esforço empregado pelos nossos 40 maiores contribuintes em não fazer sair o burgo antigo da sua classificação de Vila.
 Façamos, porém, tábuas rasas do que lá vai, e... festejemos o Centenário.
 Como fazer a sua celebração?
 Pelo modo como actualmente se encara a vida pública, todas as datas do calendário local devem trazer consigo — um rol de melhoramentos.
 Temos um plano municipal que no-los prometa e efective?...
 Na história nacional há celebrações centenárias que marcam época. O centenário da Índia, o centenário Camoneano, o centenário da Fundação, ficaram sendo na

história da administração pública, ciclos de renascimento nacional.
 Outrotanto se patenteou na celebração do centenário Henriquino, da cidade do Porto.
 Está a cidade de Guimarães afoita e decidida a essas demonstrações de vitalidade colectiva?
 Estando a governança municipal algo atrasada na tarefa dos melhoramentos locais, não sendo a sua projecção para 1953 coisa que se improvise, teremos então, como mais imperiosa, a obrigação de colocar no cartaz, como n.º 1 de todas as comemorações festivas, — a Exposição Industrial.
 Todos sabemos que, hoje em dia, a capacidade económica de uma terra, ocupa o primacial lugar nas provas do seu valor e importância. Se essa manifestação falhasse em 1953, tudo o mais ficaria em posição apagada.
 E' evidente que todos os sectores da vida local têm, na comemoração do centenário da Cidade, lugar para se patentear. Os intelectuais, vencendo o prestígio cultural da celebrada Araduca, não ficam mal no ciclo das comemorações. Mas se a vitalidade económica de Guimarães ficasse no olvido, era caso para se dizer — que o cartaz do Centenário da Cidade, estava incompleto!
 Uma Exposição Industrial, impõe-se. Ela não só representaria a manutenção dos nossos velhos pergaminhos de trabalho, como corresponderia, só por si, ao melhor motivo de atracção dos visitantes à nossa terra.
 Embora falhos de melhoramentos; embora estagnados, improgressivos, quanto à laboriosidade urbanística, que, ao menos, de nós se continue dizendo — como se pôde dizer em 1884, 1910, 1923 — que Guimarães vinca, por forma excepcional, o seu valor económico!
 Estamos à prova.
 — Que vai fazer-se, em 1953, quanto à comemoração do Centenário da Cidade?...
 Li a notícia — colocada em destaque neste jornal — que na sessão ordinária do dia 14 de Agosto e por proposta do Vereador sr. dr. Carlos Augusto Saraiva de Carvalho Brandão, a Câmara resolveu conferir à comissão (das Gualterianas) o encargo da realização das festas no próximo ano, dentro do ciclo das Festas Centenárias.
 Seja.
 Mas cuidado! Nem só de «Gualterianas» vive o prestígio da cidade. O seu fulgor e bizarría, não bastam.
 O Centenário da Cidade de Guimarães pode dispensar arcos voltaicos, festões, gambiarras, foguetes, bandeiras e toiros, mas não deixará de exigir do seu escol directivo, dos seus governantes, dos responsáveis pelo bom nome da terra, que o ano de 1953 seja votado à demonstração colectiva do valor económico do concelho.
 Cumpre, por sua vez, aos

DAQUI NÃO SAIO... De como o «Fiel Amigo» doutros tempos se converteu no maior inimigo da actualidade

Os jornais diários têm-nos dado, ultimamente, a desagradável notícia de, em diversas localidades do País, terem ficado muitas pessoas intoxicadas, por terem comido bacalhau impróprio para consumo.
 E' realmente desanimador este facto, porque já se contam muitas vítimas, estando isto a produzir grande pânico em toda a gente que, por tal motivo, se está abstendo daquele prato favorito, que de cem maneiras pode ser cozinhado.
 O Fiel Amigo que, noutros tempos, tínhamos sempre à mão de semear e que o merceiro nos oferecia, em abundância para escolha, de boa qualidade, que designava por inglês, noruega e garnisé, desde certo tempo a esta parte que principiou a querer abandonar-nos.
 Sempre acompanhou, fielmente, o Zé Povo, lado a lado, mas, com a evolução do tempo, criou asas e ei-lo, voando a grande altura, a ponto do pobre Zé lhe não poder chegar.
 Que ele deixasse de ser o nosso companheiro e amigo fiel e passasse a andar arrojado, embora; mas que chegasse ao ponto de se converter em inimigo feroz e traiçoeiro capaz de nos causar a morte, isso é que já passa a ser um caso muito sério.
 Consta que as Autoridades tomaram enérgicas providências e que um rigoroso inquérito se está fazendo, para o apuramento de responsabilidades. Aguardemos, pois, o resultado do inquérito e, enquanto a limpeza se não fizer, não será mau ter cautela com a ingestão do apetecido habitante das salsas águas da Terra Nova.
 E' preciso que o esforço heróico desses bravos pescadores, que nas frotas bacalhoeiras arriscam a vida, para, em terras longínquas, buscarem o precioso peixe, não seja desvirtuado, convertendo-se um produto útil, destinado à alimentação pública, em veneno para matar.
 A saúde e a vida das populações não podem estar à mercê de desleixos criminosos. Se há culpados, como é evidente, cadeia com eles, para público exemplo.
 Que a corrupção nos explore a bolsa, mas que nos poupe a saúde e a vida.
 Com coisas sérias não se brinca e a nossa saúde e a nossa vida são as coisas mais preciosas que possuímos.
 O bacalhau, sendo alimento de ricos e pobres, é, sobretudo, prezigo das classes trabalhadoras. A estas, faltando-lhes o pão, o caldo, as sardinhas e o bacalhau, falta-lhes o principal do seu sustento.
 Quanto ao pão, é ver o que se tem dito a tal respeito. Ainda, há bem pouco, o dr. Pacheco de Amorim, escrevendo no «Comércio do Porto», nos disse coisas espantosas sobre a forma como vinha sendo feita a sua manipulação. E quanto ao bacalhau, é aquilo que se está vendo, sentindo e sofrendo.
 E', em verdade, muito doloroso ver o povo, que procura alimento para retemperar as suas forças para o trabalho, em vez dum bom reconfortante, ingerir um veneno que o adoce e o mata.
 Lamentamos profundamente este triste acontecimento e pedimos para os culpados rigoroso castigo. Se a este desaforo e corrupção desenfreada se não cuida de pôr um dique que a sério sustenha e abafe esta pouca vergonha, não sabemos onde irá parar.
 Que Deus nos acuda com a sua infinita misericórdia.
 JOAQUIM DO VALE.

ermas desolação serrana, se multicolora em gradações e cambianças no verde intenso, no granado veludoso, no branco borboleteante e no oiro piscoso e furtivo, e sobretudo, sim, essencialmente, ao encanto subtil, ao enfeitamento insuperável, ao sonho presente e vivo, acolhedor, suave e confortante, da sua *Casa Rústica*.
 Essas horas guardam-se no
 Conclui na 2.ª página.

Eng. Duarte do Amaral
 A Comissão Central do Conselho Provincial da Casa de Entre-Douro-e-Minho, constituída pelos srs. Cons. Miguel Homem de Sampaio e Melo, Juiz Presidente do Supremo Tribunal de Justiça; dr. Luis Cincinato da Costa, professor Catedrático do Instituto Superior de Agronomia; dr. Adolfo de Andrade, Presidente do Conselho de Administração da Empresa Nacional de Publicidade; dr. Carlos Lobo de Oliveira e do ilustre vimaranense dr. Gaspar Machado, professor do Liceu Pedro Nunes, convidou o nosso distinto confrade sr. eng.º Duarte Pinto de Carvalho Freitas do Amaral para fazer parte do mesmo Conselho Provincial como representante do Concelho de Guimarães.

Terminou brilhantemente o X Congresso N. dos Bombeiros

Terminada a jornada magnífica que foi o X Congresso Nacional dos Bombeiros Portugueses, uma consolação nos resta, a todos os que, de algum modo, contribuímos para o êxito dessa afirmação notável de vitalidade na ânsia de bem servir: — a de que os vimaranenses cumpriram, realmente, o seu dever, acolhendo hospitaleiramente e acarinhando, com merecidos louvores e justíssimas homenagens, todos esses valorosos Soldados de uma causa nobilíssima, representantes de uma legião respeitável de 12.000 homens de fé, generosos de coração, que se encontram espalhados pelo País sempre alerta para darem auxílio generoso, sacrificando a sua própria vida, se necessário for, para salvar a vida do seu semelhante em perigo.
 Ao vê-los desfilar, garbosamente, orgulhosos da farda que envergam, através das nossas ruas, não pudemos esconder a emoção desse momento inesquecível que perdurará na nossa memória.
 E bendissemos, então, quase numa oração fervorosa, esses beneméritos que, num mundo revolto de paixões, ódios e malquerenças, erguem cada vez mais alto o seu ideal de humanismo e prometem lutar de cada vez mais pelo seu aperfeiçoamento.
 Merecem que lhes testemunhemos toda a nossa simpatia, toda a nossa admiração e respeito.
 Honra vos seja, bravos, destemidos, heróicos Soldados da Paz, ao serviço da Humanidade!

Ainda a Sessão de Encerramento do Congresso
 À sessão do encerramento do Congresso, realizada no Teatro Jordão, presidiu, conforme notícias, o Chefe do Distrito, o qual, depois de haverem falado os oradores a que nos referimos no nosso número passado, proferiu o seguinte discurso, que o adiantado da hora não nos permitiu, então, transcrever, o que fazemos hoje:
 «Entre as funções, por vezes penosas, que pelas obrigações do meu cargo tenho de desempenhar, há algumas que, longe de me causarem mágoa, me encham de satisfação e de alegria. São todas aquelas em que tenho oportunidade de exaltar ou de premiar virtudes ou serviços. Vai-se felizmente desvanecendo o péssimo hábito que nós tínhamos, e que consistia em dizer mal do que é nosso, em fazer alusão, a qualquer propósito, às «nações mais adiantadas» ou «mais civilizadas».
 Vamos finalmente verificando que, não sendo Portugal uma nação rica em bens materiais, possui, todavia, um rico património moral, que não receia confronto com o de quaisquer outras nações. Vamos reconhecendo que não há nações mais «civilizadas» que a nossa.
 Muito antes de o Estado tomar medidas, como está tomando, de assistência social, de protecção aos pobres e desvalidos, criaram-se entre nós as Misericórdias, instituições admiráveis de solidariedade humana e de caridade cristã, destinadas a socorrer os infelizes, a dar de comer aos famintos, a vestir os nus, a visitar os enfermos e encarcerados, a tratar os doentes pobres, a praticar, em suma, as obras chamadas de «misericórdias».
 Também muito antes que o Estado, ou as autarquias locais, providenciassem no sentido de acudir aos incêndios, por toda a parte surgiram as corporações de bombeiros voluntários, corporações altamente beneméritas e que merecem o mais profundo respeito e a maior gratidão de todos.
 Um homem que, mesmo para isso remunerado, mas sobretudo quando é apenas compelido pelo amor do próximo, se lança resolutamente a um perigo, arriscando a vida própria para salvar a vida dos outros ou dos seus haveres, é, na verdade, digno de admiração e de respeito.
 Sentimos legítimo orgulho como portugueses quando vemos irmãos nossos lutar heróicamente para salvar vidas ou bens alheios, arriscando nas chamas a própria vida, pois alguns têm succumbido na luta.
 Diz-se que vivemos uma época de prazeres e egoísmo.
 Mas não é de prazer nem de egoísmo a vida de um bombeiro. E', pelo contrário, uma vida de constante perigo e de generoso altruísmo.
 Quem uma vez assistiu a um incêndio e viu como os bombeiros, dado o alarme, deixam tudo e correm para o lugar do sinistro, sobem ao mais alto dos edifícios, desaparecem no meio do fumo para reaparecerem, às vezes, com uma criança ao colo, ou com um velho ou uma mulher, a quem arrancaram

V Á R I A

Uma carta ao Dr. Nuno Simões

Assim como, prezado Amigo, os pontualistas da hora exacta quase sempre andam desacertados e os rigorosos nas praxes da cortesia muitas vezes às avessas com as normas preliminares dela, assim aqui me vê e tem na vergonhosa embaçada de não atinar com desculpas, ao menos atenuantes, para a falta dos meus tão morosos como desajeitados agradecimentos. E pois que vai já tão feiamente cometida, e sem remédio, a não ser o perdão da sua generosidade, castigo-me em penitência pública, tirando o proveito de alguma consideração de mais largo interesse. Ah! mas não sem que, antes, de todo me interdite de lhe dizer que, verdade - verdadinha, lá só minha não foi de todo a culpa de tão longo e mole atordoamento. Ela cabe mais ao sol magnífico desse esplêndido Domingo de Agosto, ao panorama alto das montanhas cerradas, ao ar forte e sacudido de agrestidão tonificante, à ponte de Cavez, onde, aos dois lados, fui encontrar, nos romeiros de S. Bartolomeu, as páginas sempre vivas do Camilo, à mudança da paisagem que, na

A. L. DE CARVALHO.

Conclui na 4.ª página.

